P07.04

UNICAMP

CDMC Brasil Unicamp

EVENTO: Seminário PIERRE BOULEZ, SUAS OBRAS E SUA EPOCA (R. Piencikowski) e Fest. Música Nova
VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
DATA: 21 de agosto de 1995
PÁGINA: D 10
SEÇÃO: CADERNO 2

Pierre Boulez domina semana em curso na Unesp e festival

A modernidade musical baixou esta semana no Brasil. Além da presença do grupo belga Champ D'Action, grandes nomes da música contemporânea continuam se apresentando no Festival Música Nova, em sua 31ª edição, até o dia 27. Hoje também começa na Unesp um curso sobre o compositor e maestro francês Pierre Boulez, ministrado pelo professor Robert Piencikowski, da Fundação Paul Sacher (Suíça). Boulez completou 70 anos em março e é um dos compositores lembrados pelo festival. Dele o Pianoduo, da Holanda, estará apresentando *Structures*, uma peça escrita para dois pianos em 1952, época em que Boulez conheceu Stockhausen, assumindo com ele o comando dos modernetes europeus.

O curso de Piencikowski, que trabalha no Instituto de Pesquisa e Coordenação Acústico-Musical (Ircam) e coordena o inventário da obra de Boulez, pretende esclarecer ao grande público o que significa a técnica serial concebida e desenvolvida pelo compositor entre 1951 e 1965. Como se sabe, o maestro não só foi responsável (com Patrice Chéreau) pela leitura mais radical feita até hoje do ciclo wagneriano *O Anel dos Nibelungos* (Bayreuth, 1981), como é autor de complexas e revolucionárias peças musicais, entre elas *Le Marteau sans Maître* (1954).

No curso da Unesp, que vai até o dia 25 (das 9 às 12h30), Piencikowski pretende fazer uma análise comparativa das obras de Boulez, das primeiras sonatas para piano, compostas nos anos 40, a *Répons* (1981), uma obra para orquestra e equipamento digital concebida no Ircam, seu laboratório de pesquisas sonoras e composição localizado no Centro Pompidou de Paris.

Entre as obras de Boulez analisadas no curso estão *Structures* (a primeira, de 1952, e a segunda, de 1961). Mas outros compositores apresentados no Festival Música Nova (que em São Paulo acontece no Masp até sábado, todos os dias às 20h30) serão comentados pelo professor Piencikowski: Xenakis, Ligeti, Stockhausen e Luigi Nono.

Nono (1924-1990) era mais político do que Boulez. Stockhausen, obviamente, está mais próximo do compositor francês, e isso não só porque Boulez passou 12 anos (até 1967) ensinando em Darmstadt. Xenakis sofreu grande influência dos franceses, além de ter sido colaborador de Le Corbusier. Já Ligeti, que o filme *2001, uma Odisséia no Espaço* ajudou a divulgar, também passou pelo estúdio de música eletrônica de Colônia, onde toda a turma serialista fez experiências.

Boulez, ao contrário de Stockhausen, cada vez mais wagnerianamente megalomaníaco, parece menos preocupado com espetáculos musicais. *Répons* já representa uma parábola sobre a diluição musical na era da informática, uma briga inútil entre solistas que não podem conter o advento de novos padrões rítmicos impostos por computadores. Enquanto Stockhausen quer refazer o Gênese, Boulez pensa em uma ética da existência, desprezando o hedonismo laico dos burgueses. Volta a falar de culturas arcaicas com insuspeitado carinho. **(A.G.F.)**

Boulez repensando sua teoria: ligar o moderno ao arcaico